

Os donos da cidade. Um  
conto sobre  
Amor e Morte.

1.

Jonatas Severo está como de costume na sacada do seu apartamento. Ele fuma um cigarro ao mesmo tempo em que beberica direto de sua garrafa de uísque predileto. Isso é um costume recente. Algo adquirido a pouco mais de dois meses. Um costume que a vida lhe impôs sem que percebesse. É um capricho que o destino largou em seu caminho para testá-lo. Pode-se dizer que o tempo brinca com Jôn e quer ver se ele vai tropeçar nessa armadilha ou então transpor tudo isso sem muitos desequilíbrios. Por enquanto ele está na corda bamba, pronto para o impacto.

Olhando para o céu ele vê a lua brilhando lá no alto. Ela domina toda a vastidão do infinito e ilumina tudo até aonde a vista pode alcançar. Está cheia, muito cheia, e é um espetáculo à parte, dando o ar de sua graça em um céu límpido e estrelado. Ela reflete fortemente a sua totalidade mística nos azulejos da sacada de Jôn. Azulejos, aliás, de péssima qualidade.

A luz lunar evidenciava magicamente as rachaduras de toda a sacada, tornando notável que o atual inquilino não demonstrava cuidado algum pelo seu imóvel. É tão pouco cuidadoso que ainda ajuda a aumentar a depreciação do mesmo.

Com a língua de fora Jonatas cutuca e arranca os pedaços trincados do piso. Acumula um bocado em mãos até formar uma quantidade significativa para a sua brincadeira. Em seguida, ainda com a língua de fora, escolhe o ponto de impacto e, às vezes, acerta em cheio. Os alvos em sua grande maioria são as janelas do prédio vizinho e se não for isso são os carros lá embaixo.

Veza ou outra ele corre rapidamente para dentro de seu apartamento ou simplesmente deita-se sobre o piso gélido da sacada. Sob o luar, esconde-se das luzes que ascendem pela vizinhança, das cabeças que se esticam pra fora das janelas. Estes chegam para averiguar o que acontece em suas janelas. Mas nada mais resta além do eco estrondoso que a madeira fazia ao receber o impacto. A lua era sua amiga. Não tornava-o visível a nenhum observador.

Suas vestimentas negras também ajudavam na camuflagem. Ao mesmo tempo em que Jonatas faz sua arte e melhora sua pontaria ele traga seu cigarro profundamente. É relaxante.

Não há nada como fechar os olhos e tragar nicotina para dentro dos pulmões. Sentia-a adentrando rapidamente e tomando por completo os alvéolos pulmonares. Ela preenchia o espaço que deveria ser exclusivamente do oxigênio - e do gás carbônico emitido pelos automóveis, é claro, gás inerente a toda boa atmosfera civilizada. Em instantes este simplório ritual prazerosamente instigante fazia com que a nicotina chegasse ao cérebro, o que é classificado como êxtase para qualquer fumante, fazendo-o pensar em muitas coisas. Jonatas pensava no porque daquilo tudo e em onde iria chegar.

Na sequência, ainda aprisionando a fumaça e mantendo a cabeça cheia de nicotina, a garganta é agraciada com seu uísque predileto. Aí sim o ápice chegava para Jôn. Ele é tomado por uma ausência total de desilusões.

Ódio e ira se vão por completo. A quietude toma conta do seu interior. Uma torrente de informações inunda o encéfalo e o nirvana fica cada vez mais próximo. A tal ponto a aguardente nem causa mais ardência. Não passa de um simples destilado refrescante que desce suavemente. O encontro da nicotina e do álcool é algo indescritível. A destruição silenciosa dos neurônios e das células corpóreas lhe trazia cada vez mais certeza de que estava no caminho certo. Cada tragada e cada gole lhe permitia uma serenidade imensa, jamais imaginada. A ignorância é uma santa benção, como dizem, mas trás despreocupações sérias.

Ao lubrificar a faringe por completo e sentindo o líquido já no estômago, é iniciada a vagarosa liberação da fumaça que ainda estufa os pulmões. O fumo visivelmente branco sobe aos céus dissipando-se rapidamente. Mistura-se a atmosfera terrestre de forma natural. O cheiro do tabaco se espalha por toda a vizinhança. A essência amargurada de Jôn vai junto disseminando aos quatro cantos todo o seu sofrimento.

A brisa quente do final de outubro sopra suavemente. Vem cortando os prédios, uivando quase silenciosa e acompanhando cada esquina, fazendo todas as curvas, passando por cada viela. Chega a Jôn. Acaricia seu rosto, resseca um pouco seus olhos, mexe em seu cabelo. Isso é bom. Mas há um problema. Além do toque físico existe um porém, que mexe nas suas lembranças. O fato de o vento lhe secar um pouco as vistas faz com que as feche por instantes. Ai está o problema. Ai vem a angústia. Ele a vê. Sempre pode vê-la. Era como se ela ainda estivesse ali ao seu lado, mas de fato não está.

De olhos cerrados deseja loucamente que todos os seus problemas sejam soprados para longe. Quer o seu martírio dissipado junto aos resíduos tóxicos presentes no cigarro que exala. Anseia por ver seu sofrimento indo embora, simplesmente subindo às alturas. Os demônios que possuem seu âmago não mais são tolerados, aliás, nunca foram, mas com certeza eles não irão embora tão facilmente. Seria, e de fato está sendo, uma batalha feroz.

Assim como qualquer droga fica alojada no corpo de um viciado, seus problemas também ficariam. Jonatas tem de passar por um período de desintoxicação para transpor esta etapa sombria. Será necessário passar por esta fase para alcançar novamente um nível de serenidade mental e talvez um dia voltar a viver normalmente. Somente o choque das crises nervosas de abstinência pode livrar o corpo dos malefícios que o abatem, tendo assim sua mente novamente liberta para a real vivência. Sua dependência é de algo que não mais vaga pela terra. Algo que possuía, vivia e sentia diariamente fora lhe tirado de súbito, arrancado de sua guarda e levado para um plano distante. O alicerce que estava por todos os cantos de sua vida agora jazia longe dele. Só depende de Jôn esquecer todo esse sofrimento e alcançar o céu ou então lembrar intensamente e ficar se martirizando, chegando deste modo cada vez mais próximo do inferno.

Seu estado deprimente de alcoolismo o faz parecer cada vez mais patético.

Chega ao ponto de colocar o cigarro no nariz e levar um longo tempo para perceber o erro. Desiste de atirar seus pedacinhos de azulejo após concluir que não possui mais forças, tão pouco destreza. Repete o nome dela incontáveis vezes e a cada vez que pronuncia sente milhares de afiadíssimas agulhas sendo espetadas em seu coração. Cada letra pronunciada por sua boca talha um corte aflitivo em sua bomba pulsante. O coração vai se esfacelando aos poucos. A cada batida ele arde. Cada bombeada manda desespero para o sangue. Desespero que toma o seu corpo, sufoca sua boca e desintegra a sua carne. Jôn sente que cada vez mais seu coração bate com menos intensidade. É o músculo do sofrimento.

Pensa - pela milésima vez - na possibilidade do coração realmente parar. Assim como nas outras vezes deseja intensamente que isto aconteça. Fecha os olhos e sente os ventrículos com um fluxo ínfimo de sangue, quase não funcional. Quer a morte. Só desta maneira pode libertar-se do sofrimento que sente.

Se isso ocorresse seguiria para o céu onde sua amada estaria à espera para viverem juntos para todo o sempre.

Já havia pensado muitas vezes na morte. Tirar a própria vida lhe parecia o único meio de fugir disto tudo. Esvair a própria essência soava bem aos ouvidos. Isso lhe agradava e poderia ser o único modo de aliviar o sofrimento gerado pela angústia que se multiplicava a cada alvorecer. Aliás, nos últimos tempos, só isso que orbitava sua mente. O cordão de isolamento autoimposto lhe trouxe uma conduta destrutiva. Fazia parte deste cordão afastar-se de todos os conhecidos e essa atitude lhe gerou tantos transtornos quanto à própria perda mais valiosa de sua vida.

Jonatas chegou a ter sua força pronta bem no meio da sala. A sensação das pernas bambas ao pegar o banquinho era nostálgica. Colocá-lo bem embaixo do gancho fixado ao teto, onde prendera a corda, trazia uma sensação cadavérica. Subir no banco. Passar a cabeça pelo trançado refeito várias vezes para que não houvesse falhas.

Lacrimar com o desespero do ato insano que viria a seguir. Bufar, babar. Pensar em tudo que viveu e em todos que conheceu. Tudo que viveria e em todos que conheceria. Bufar e salivar mais. Pensar em tudo que iria perder a partir daquele momento ou então ganhar dali por diante e em todo sofrimento que pouparia. Grunhir de desespero sabendo que é só resvalar o pé para trás que o banquinho se vai. Levitaria ali no meio. Estaria leve. Pensou em sua amada. Seu desespero desaparecia por completo. Mas ainda não era a hora de morrer.

Em outra ocasião quase tomou uma caixa inteira de calmantes combinada com uma de antidepressivos. Estava tudo na boca. Doze de um e vinte do outro, respectivamente. No total trinta e dois comprimidos que estufavam a boca. Faltava somente a coragem de entornar o uísque que já estava nas mãos e que seria o veículo de administração. Sentia o revestimento das pílulas desmanchando e os princípios ativos amargurando o seu paladar, deixando-o grogue, afinal eram mais de trinta. Também não o fez.

Cuspiu tudo e caiu de joelhos chorando com a falta de coragem. Deus ou a própria consciência havia novamente lhe tocado.

Jôn tinha um motivo para não se matar. Algo tão sério quanto a razão para se matar. Não morreria pelas próprias mãos. Apesar de tentar sabia que jamais iria contra as leis de Deus. Mesmo ansiando demasiadamente por sua paz interior tinha noção que se cometesse o suicídio iria para o inferno. Fazendo esta loucura o destino lhe reservaria um só caminho; o sofrimento. Estaria separado dela ao extremo cada qual em seu pólo. Ele no inferior, de calor angustiante e ela no superior, de brandura refrescante. Desta maneira nunca mais a possuiria em seus braços e de nada adiantaria o suicídio.

Acima de qualquer coisa Jon era católico, um ser crescido sob a regência do catolicismo e naturalmente, por isso, extremamente ligado à religião. Se cometesse o insano ato de se matar sabia que Deus jamais o perdoaria. Sabia também que Ele sairia da sua inércia celestial num caso destes e o mandaria direto para as presas de

Cérbero. Chegando lá, o cão de várias cabeças que Jôn e muitos fiéis acreditam guardar os portões do inferno, não seria misericordioso como o Senhor. Lá sem dúvida alguma, Jôn não seria digno de pena e teria suas vísceras e seus olhos arrancados.

Sangraria até perder a última gota de sangue e nada mais teria de pureza. Seria apenas uma carcaça de ossos e pouquíssima carne que vagaria como um zumbi. Seguiria neste estado lastimável por todo o sempre, pensando e esbravejando o nome de sua amada por toda a eternidade. Seu fardo o seu destino. Andaria em vão a procura dela no calor insuportável do inferno.

Falar de Jonatas Severo já foi muito fácil mas as coisas mudaram um pouquinho. Ele se resumia num ser-humano previsível e sem ideias de escape para o dia a dia. Vivia repetidamente dentro de sua doutrina cautelosa e sempre em companhia da sua amada. Ela era tão apegada a Deus que se podia dizer que ela quem não deixava essa essência morrer em ambos.

Não fosse por ela Jôn teria deixado o fogo religioso que trouxeram das suas origens se extinguir a muito tempo.

Ele sabia que sem a observância dos mandamentos divinos não poderia existir sob a graça de Deus. Por isso os obedecia. Quer dizer, ainda tentava seguir essa conduta. Sua mente conturbada começava a demonstrar sinais de rebeldia. Apesar de ser temente a Deus, ultimamente não sabia mais discernir o certo do errado, de acordo com o que lhe foi ensinado no catolicismo. Um exemplo é o uísque que sempre gostou de apreciar. Sempre desde a sua maioridade, é claro, e moderadamente, em ocasiões especiais. Agora uma garrafa que antigamente durava em média meio ano dura em torno de quarenta minutos. O cigarro foi abominado por toda a sua vida e hoje é o seu passa-tempo. Adotara este hábito há pouco mais de um mês e certamente foi para o tempo passar mais depressa mesmo. Não em sua percepção para acabar com o tédio de não ter o que fazer, mas sim para o seu tempo de vida se tornar mais curto e acabar de vez com sua passagem por esse mundo.

Uma maneira que ele achava ser o mais próximo de um suicídio sem que o Senhor supremo percebesse. Assim pelo menos era o que esperava. Estava engajado em infligir péssimos hábitos para morrer o quanto antes.

As drogas ilícitas chegaram a tocar seus pensamentos mas momentaneamente. Apenas um relance, não passou disso, pois a sua criação sempre deixou as coisas bem esclarecidas. Até hoje Jôn pode ouvir seu pai falando o mal que esse caminho pode trazer. As palavras ecoando forte em sua mente. “É um péssimo caminho! Um caminho de destruição e maldades, a estrada para Satã”. Um meio que aprendeu desde cedo a temer e evitar, não tendo curiosidade alguma. E acima de tudo respeitando esse caminho avassalador.

Arrancar pedaços do piso e ficar arremessando-os nas janelas dos prédios vizinhos era algo longínquo de sua criação. Acabou aparecendo sem que ele percebesse. O mal extrínseco a si e presente no mundo foi tornando-se automaticamente parte de seu corpo. Sua índole foi se perdendo e o respeito pelos outros e por si próprio se dissipou entre seus pesadelos.

Pequenos detalhes assomados com o exagero na bebida e no fumo foram encarcerando seus ideares a uma sala apertadíssima, de paredes grossas e que ecoavam taciturnamente. Fechava-se cada vez mais na sua clausura agonizante. Isso lhe trazia uma aparência soturna que o deixava irreconhecível. Não havia mais preocupação alguma com o próprio corpo. Cuidados com a higiene pessoal e da casa não existiam. O que há pouco tempo seria motivo de desespero era agora uma trivial constante. A porta para a decadência estava escancarada e Jôn se encaminhava lá para dentro.

Jon sempre soube que a vida é feita de fases e momentos mas não imaginava que passaria por este tipo de situação. Transtorno igual sequer imaginaria. E muito pior que isso, nem se dava conta da situação pela qual passava. Decepciona-se não acreditando no destino que Deus lhe dera.

É imensuravelmente deprimente não ter a amada ao seu lado. A ideia de que em hipótese alguma conseguiria repetir em seu ouvido que a ama, deixa Jon sem norte. Saber que nem gritando o

mais alto possível irá conseguir ecoar suas palavras até ela o deixa na pior. Nunca mais a ouvirá dizendo que também o ama mais do que qualquer coisa deste mundo e que nada jamais os separaria. Pensa nisso fazendo seu âmbito diminuir cada vez mais. Sente uma nulidade incrível. Isso só deixa as coisas piores.

Ri com sarcasmo e com muita tristeza. É espontâneo e inevitável. Formula uma pergunta em sua cabeça, desejando intensamente uma resposta. “Onde Diabos estava o meu Deus naquela maldita hora?” Onde estaria o onipresente naquela situação? Por onde circulava o todo-poderoso capaz de intervir no destino das pessoas? Soltou um suspiro de dor e revolta. Soprando forte o ar de seus pulmões, balbuciou o nome dela, questionando... — Amália... Por que teve de ser assim?